



FOLHA DE S. PAULO

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 2013

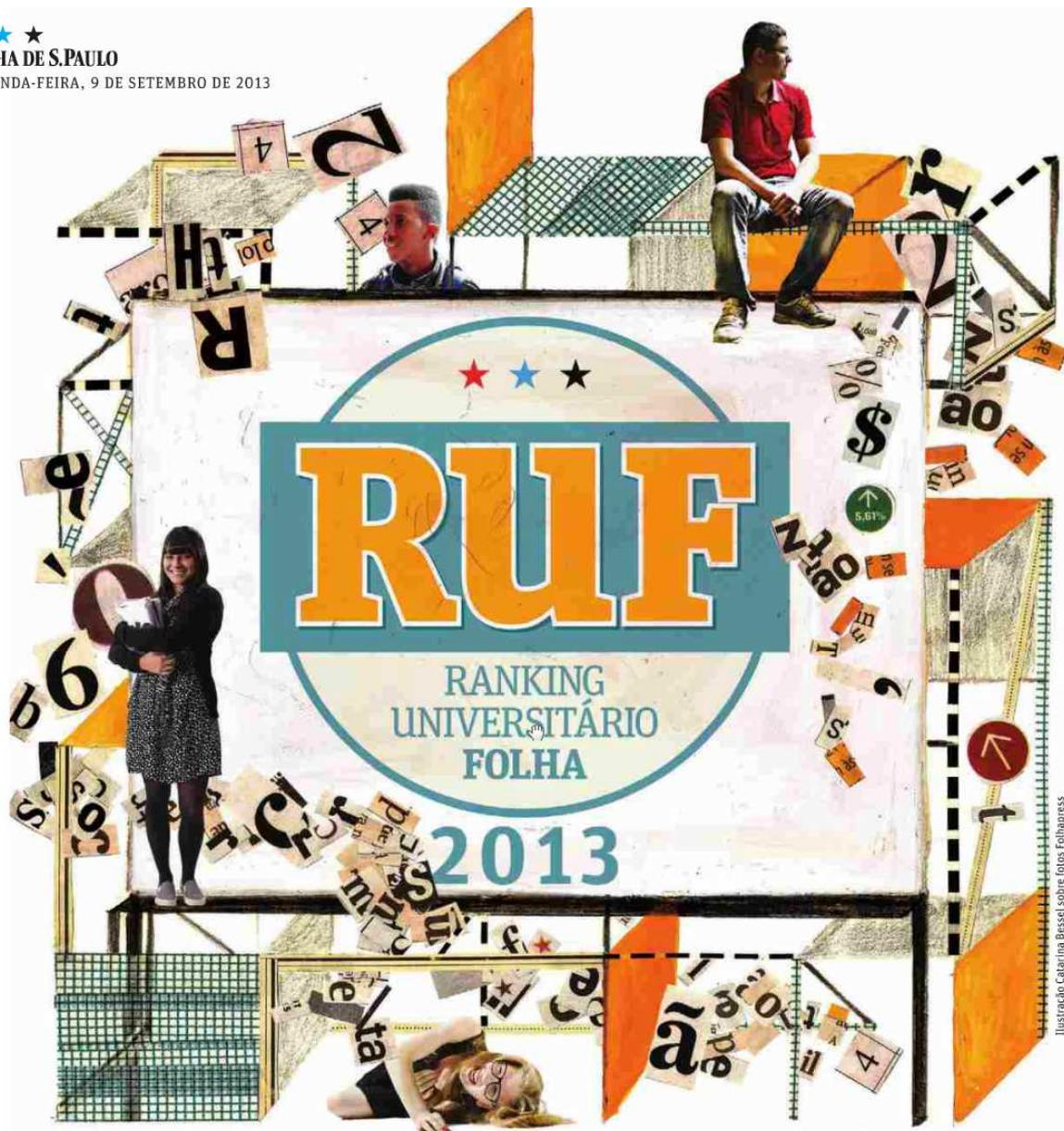


Ilustração Catarina Bessel sobre fotos Folhapress

PESQUISA INÉDITA REVELA MELHORES CURSOS NAS 30 MAIORES CARREIRAS



METODOLOGIA
PÁG. 4

PESQUISA
PÁG. 6

RANKING DE UNIVERSIDADES
PÁG. 8

INTERNACIONALIZAÇÃO
PÁG. 14

ENSINO
PÁG. 16

MERCADO
PÁG. 18

RANKING DE CURSOS
PÁG. 20

ARTIGO
PÁG. 28

edição 2013

Sul-Sudeste tem 19 das 25 melhores universidades

As regiões Sul-Sudeste concentram 19 das 25 melhores universidades do país. São Paulo aparece à frente, com cinco instituições, seguido por Rio de Janeiro (quatro), Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul (três cada) e Santa Catarina (uma). O Nordeste tem quatro (Bahia, Ceará, Paraíba e Pernambuco) e o Centro-Oeste, duas (Goiás e Distrito Federal).

USP, UFRJ e UFMG encabeçam o ranking. A região Norte não aparece no grupo principal.

A título de comparação, a nota média do grupo de elite do RUF (86,79) é 27% superior à média das 25 instituições que vêm a seguir no ranking de universidades (68,40).

Essa radiografia regionalizada do ensino superior brasileiro emerge da edição 2013 do RUF, cujo ranking geral, publicado integralmente nesse suplemento, classifica as 192 instituições reconhecidas como universidades pelo Ministério da Educação (veja quadro da pág. 6).

Em sua segunda edição, o RUF manteve a filosofia e aperfeiçoou a metodologia para contemplar duas grandes áreas de interesse: a produção científica — aferida com base em indicadores de pesquisa, inserção internacional e inovação — e a graduação, calçada na avaliação da qualidade de ensino e na ressonância da instituição no mercado de trabalho.

No total, são avaliados 5 indicadores, subdivididos em 16 subindicadores, que geram rankings independentes e podem ser

RANKING INCORPORA NOVIDADES COMO A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO NAS 30 CARREIRAS COM MAIOR NÚMERO DE MATRICULADOS

● POR FÁBIO TAKAHASHI E SABINE RIGHETTI

consultados separadamente (veja a metodologia na pág. ao lado).

É na área de graduação que está a maior novidade deste ano: o ranking de ensino, uma análise extensiva inédita dos indicadores dos cursos ministrados em 2.358 instituições.

A avaliação contempla as 30 carreiras com maior número de estudantes matriculados em 2011 (último dado disponível no instituto de pesquisa do MEC, o Inep).

Conduzido pelo Datafolha, o levantamento usa basicamente os mesmos critérios de ensino e mercado do ranking geral de uni-

versidades, mas com adaptações metodológicas para atender às diferenças de propósitos das instituições — que nesse caso incluem também os centros universitários e faculdades (veja quadro na pág. 19).

Dada a extensão do universo pesquisado, o ranking de cursos é publicado em versão limitada aos dez primeiros colocados. As tabelas completas podem ser consultadas no site do RUF.

RESULTADOS

A USP aparece com destaque nesse levantamento pormenorizado, com o maior número de cursos no top 10 das 30 carreiras analisadas. A maior universidade estadual paulista só não pontua em serviço social porque não tem essa graduação.

A ampliação da avaliação do ensino por curso permitiu ainda identificar destaques entre instituições que não são classificadas como universidades. As faculdades Insper e a FGV-SP, por exemplo, ficaram entre as dez melhores nas duas carreiras de seus portfólios analisadas pelo RUF.

Outra novidades do RUF 2013 é a criação do ranking de internacionalização, liderado na estreia pela Universidade Federal do ABC. Criada em 2005 e com um modelo inovador de ensino, a instituição tem 100% de docentes com doutorado e desponta no 21º lugar do ranking de pesquisa científica do RUF.

Colaboraram BRUNO FÁVERO e BRUNO LEE, colaboração para a Folha

Nº DE CURSOS ENTRE OS 10 MELHORES DE ENSINO

USP	29
UFMG	28
UFRGS	27
UFRJ	25
Unicamp	19
Unesp	18
UFPA	14
UFPR	11
PUC-Rio	9
PUCRS	9
UFPI	8
PUCSP	7
UFU	7

Nº DE CURSOS NAS 2 PRIMEIRAS POSIÇÕES NO MERCADO

USP	29
UFRJ	25
Unicamp	17
Unesp	16
UFPI	14
UFMG	13
Mackenzie	13
PUCSP	12
PUC Minas	11
UERJ	11
UFBA	11
UFRGS	11
Unip	11
UFSC	10
PUC-Rio	9
UnB	9
UFC	9

ENTENDA O RUF 2013

Avaliação contempla cinco áreas e 16 subindicadores

40 pontos

Pesquisa



Considera 7 subindicadores

- > Trabalhos científicos publicados pela instituição – 7 pontos
- > Citações desses trabalhos em outras pesquisas – 7 pontos
- > Proporção de citações por publicação – 2 pontos
- > Publicações por docente – 7 pontos
- > Citações por docente – 7 pontos
- > Publicações em revistas científicas nacionais – 6 pontos
- > Recursos captados em agências de fomento – 4 pontos

Internacionalização



Considera 3 subindicadores

- > Citações de trabalhos da instituição em publicações internacionais – 2 pontos
- > Publicações da universidade em coautoria internacional – 2 pontos
- > Docentes estrangeiros em relação ao corpo docente total – 2 pontos

6 pontos

4 pontos

32 pontos

Inovação



- > Pedidos de patentes de 2002 a 2011

Ensino



Considera 4 subindicadores

- > Pesquisa Datafolha com 464 professores que avaliam os cursos de graduação para o Inep-MEC – 22 pontos
- > Professores com doutorado (dados MEC) – 4 pontos
- > Professores com dedicação integral (dados MEC) – 4 pontos
- > Nota Enade (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes) – 2 pontos

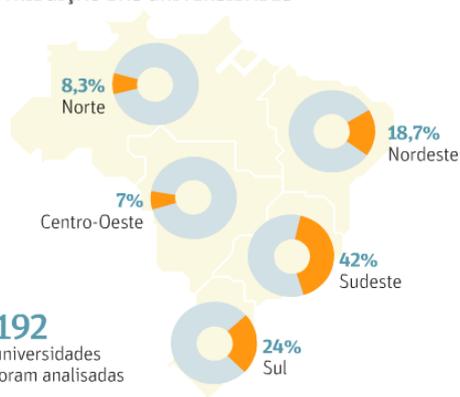
18 pontos

Inserção no mercado de trabalho



- > Pesquisa Datafolha com 1.681 responsáveis pela área de recursos humanos de empresas

DISTRIBUIÇÃO DAS UNIVERSIDADES



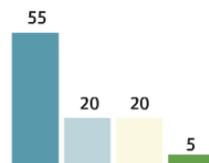
MUDANÇAS EM CRITÉRIOS DA EDIÇÃO DE 2012 PARA A DE 2013

	Ensino	Internacionalização	Mercado
COMO ERA	> Pesquisa Datafolha ouviu 597 cientistas cadastrados no CNPq	> Não havia	> Avaliava os 20 cursos com mais formandos
COMO FICOU	> Datafolha ouviu avaliadores do Inep-MEC > Incluído indicador de professores doutores > Incluído indicador de professores em regime de dedicação integral > Incluída a nota da escola no Enade	> Incluídos 3 indicadores destinados a aferir a inserção internacional da universidade, a partir de publicações, citações e proporção de docentes estrangeiros em relação ao corpo docente total	> Avalia os 30 cursos com mais matriculados

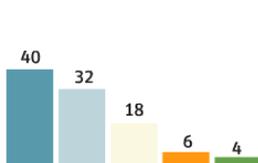
ALTERAÇÃO DOS PESOS NOS CRITÉRIOS, EM PONTOS



COMO ERA EM 2012



COMO FICOU EM 2013



FAZER RANKING IMPLICA ESTAR ABERTO À IDEIA DE RETOQUES CONSTANTES

● POR HÉLIO SCHWARTSMAN

Rankings universitários, principalmente em suas primeiras edições, são uma obra em construção. Se a própria ideia de traduzir num único indicador numérico a enorme teia de complexidades que caracterizam as atividades universitárias já é problemática, definir quais indicadores utilizar e qual peso atribuir-lhes apenas amplia o leque de dúvidas e questionamentos.

A única certeza que desponta do exercício de elaborar um ranking é a de que haveria outros caminhos igualmente válidos, o que na prática implica aceitar a ideia de que esse tipo de empreitada deve estar aberta a constantes aperfeiçoamentos.

Essa, aliás, é a regra nos rankings internacionais. Um dos mais reputados, o THE (Times Higher Education), criado em 2004, promoveu mudanças em todas as versões exceto a de 2012.

À primeira edição do RUF, em 2012, seguiu-se a esperada chuva de críticas, que foram debatidas em âmbito externo e interno. Muitas delas foram incorporadas pela equipe, outras, descartadas e houve ainda problemas que foram considerados momentaneamente insolúveis.

Tudo isso resultou numa série de mudanças que aparecem agora no RUF 2013.

A mais notável delas é a reformulação do indicador de ensino. No RUF 2012, para tentar capturar essa dimensão, o Datafolha havia entrevistado 597 pesquisadores cadastrados no CNPq que opinaram sobre quais eram as melhores graduações.

Havia, contudo, um problema e ele estava no fato de a base ser composta por pesquisadores que não necessariamente estavam familiarizados com questões de ensino. Na versão 2013, após entendimentos com o Inep, o Datafolha passou a utilizar como base os professores universitários que fazem a avaliação de graduações para o MEC. De um total de 4.354 especialistas, 464 foram entrevistados e deram sua

opinião sobre os melhores cursos do país, em suas áreas.

Também se agregou ao módulo de ensino três indicadores objetivos: o percentual de professores com doutorado, com dedicação integral e a nota dos cursos de graduação no Enade. Este último recebeu, entretanto, uma pontuação baixa (2% do total da nota de cada universidade, contra 4% para os anteriores). A ideia aqui é que esse é um exame promissor, mas que ainda apresenta problemas, notadamente os boicotes organizados por alunos e as retenções de formandos, de que algumas escolas se utilizam para melhorar suas notas.

Tão logo as dificuldades sejam resolvidas, espera-se aumentar o peso do Enade no RUF.

A mudança da base de entrevistados e a inclusão de indicadores objetivos permitiram ao RUF 2013 avaliar não apenas universidades, como em 2012, mas também cursos individuais oferecidos não só por universidades mas também por centros universitários e faculdades. Foram ranqueadas 2.358 escolas que disponibilizam graduação nos 30 cursos com mais matrículas. Essa é a grande novidade do RUF 2013.

Outro módulo que mereceu críticas em 2012 foi o do mercado de trabalho. Para definir quais eram as melhores instituições aos olhos do mercado, o Datafolha entrevistou responsáveis pela

área de recursos humanos de empresas. Um dos problemas aqui é que os resultados carregam muito do tamanho das instituições. Uma universidade grande, que forme muita gente, tende a receber mais menções do que uma escola menor, mesmo que esta seja de melhor qualidade.

Infelizmente, não foi encontrada uma fórmula para eliminar ou ao menos reduzir esse efeito (se alguém tiver uma sugestão, procure o blog do RUF). Decidiu-se, entretanto, por manter a avaliação, com um peso um pouco menor (18% contra 20% em 2012), já que o mesmo viés provavelmente aparece também nas contratações, fazendo assim parte do mundo real.

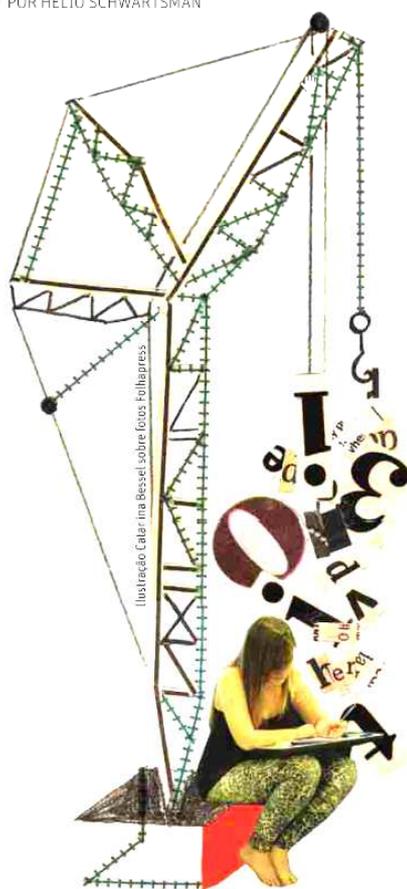
Diferentemente de 2012, quando foi avaliada a inserção de egressos dos 20 cursos que mais formam, neste ano foram considerados os 30 cursos com mais matrículas no ano de 2011.

Os blocos que praticamente não sofreram alterações foram o de inovação e de pesquisa, visto que são áreas nas quais existem indicadores objetivos à profusão e que já foram bastante discutidas na literatura internacional. As mudanças aqui se limitaram a pequenas alterações no peso dos subindicadores de pesquisa.

Vale ainda mencionar a internacionalização, que aparecia de forma embrionária no bloco de pesquisa em 2012 e se tornou um módulo independente com mais subindicadores em 2013.

A justificativa é que o grau de inserção internacional de uma universidade é um item que vem recebendo cada vez mais atenção em todo o mundo.

Uma descrição mais detalhada da metodologia empregada no RUF 2013, bem como as diferenças em relação à edição de 2012, pode ser encontrada no site do ranking. Embora seja possível conferir a evolução de uma universidade de um ano para o outro, vale lembrar que as mudanças metodológicas não recomendam que se dê muita atenção a essa comparação.



**MUDANÇA NOS
INDICADORES PERMITIU
AVALIAR NÃO SÓ AS
INSTITUIÇÕES, MAS
CURSOS OFERECIDOS
POR UNIVERSIDADES,
FACULDADES E CENTROS
UNIVERSITÁRIOS**

pesquisa

São Paulo tem 5 das 10 líderes em produção científica

O RUF 2013 confirma: apesar dos esforços do governo federal para disseminar a produção científica por outras regiões do país, a maior parte da pesquisa nacional de qualidade continua concentrada no Estado de São Paulo.

Das dez primeiras colocadas nesse indicador, cinco são paulistas —todas as universidades estaduais (USP, Unicamp e Unesp) e duas federais em São Paulo (Unifesp e UFSCar).

Pesquisadores de outros Estados não vacilam ao apontar o fator que anaboliza esse desempenho: a estabilidade na política de financiamento. Desde a década de 1960, São Paulo tem sua agência de fomento específica, a Fundação de Amparo à Pesquisa.

Mantida com dinheiro do governo estadual, ela financia trabalhos de qualquer faculdade paulista, incluindo as privadas.

“Todos gostariam de ser uma Fapesp”, afirma Sergio Gargioni, presidente da contraparte catarinense, a Fapesp, e do Confap (Conselho Nacional das Fundações de Amparo à Pesquisa).

A agência paulista recebe, por lei, 1% da arrecadação estadual, livre de contingenciamentos do Executivo. É algo em torno de R\$ 1 bilhão, equivalente a todo o orçamento da Federal da Bahia.

As estaduais paulistas ainda

ESTABILIDADE NO FINANCIAMENTO E RECURSOS GARANTIDOS FAZEM ESTADO PREDOMINAR NO INDICADOR; UNIÃO TENTA DESCONCENTRAR A PRODUÇÃO

● POR REINALDO JOSÉ LOPES
Colaboração para a **Folha**

dividem 9,57% do ICMS, livres de contenção. Só a USP deve receber neste ano R\$ 4,3 bilhões, valor equivalente à soma dos recursos das federais do Rio (UFRJ), Minas (UFMG) e Bahia (UFBA).

Com verba garantida, a USP consegue manter um programa próprio de financiamento de pesquisas, que contou com R\$ 200 milhões entre 2010 e 2012.

Há, ainda, dinheiro de empresas. Para o diretor-científico da Fapesp, Carlos Henrique de Brito Cruz, a intensa atividade de pesquisa no setor produtivo paulista também influencia os resultados acadêmicos de São Paulo.

“O percentual de recursos para pesquisa que vem de empresas para as estaduais paulistas supera a média dos EUA”, diz.

DESCONCENTRAÇÃO

A concentração já foi pior.

“Em 1993, 70% dos grupos de pesquisa cadastrados no CNPq eram paulistas. O número de grupos aumentou [hoje são quase 28 mil], mas a concentração diminuiu. São Paulo tem agora 46%”, afirma Glaucius Oliva, presidente do CNPq, principal agência de fomento do governo federal.

Colaborou para a mudança, diz Oliva, uma lei de 2001 que destina 30% dos recursos dos fundos setoriais para pesquisa no Norte, Nordeste e Centro-Oeste. “Fazíamos um esforço para receber pedidos de financiamento de pesquisa nessas regiões. Hoje há propostas competitivas.”

Segundo Oliva, já há polos de pesquisa em Natal (neurociência) e Campina Grande (tecnologia).

Colaboraram FÁBIO TAKAHASHI e SABINE RIGHETTI

46%

dos grupos de pesquisas cadastrados no CNPq são de São Paulo; em 1993, eram 70%

ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Como são classificadas as instituições de ensino superior



Universidade

- > Tem autonomia para criação de cursos inclusive fora do Estado da sua sede
- > Deve ter 1/3 dos docentes em regime de dedicação integral e 1/3 do corpo docente formado por mestres ou doutores
- > Deve ter programas de mestrado e de doutorado



Centro universitário

- > Tem autonomia para criar cursos e abrir vagas
- > Deve ter 1/5 dos docentes em regime de dedicação integral e 1/3 do corpo docente formado por mestres ou doutores



Faculdade

- > Depende de aprovação do MEC para abrir novas vagas ou cursos
- > Não tem obrigações quanto ao perfil do corpo docente

36

universidades receberam mais de R\$ 20 milhões para atividades científicas em 2011 e produziram 70% da produção científica nacional



São Paulo

USP
Unicamp
Unesp
Unifesp
PUC-SP
UFSCar

Rio de Janeiro

UFRJ
UERJ
UFF
Puc-Rio
Uenf

Minas Gerais

UFMG
UFV
Ufla
UFU
UFJF

Rio Grande do Sul

UFRGS
UFMS
PUC-RS
UFPEl

Pernambuco

UFPE
UFRPE

Paraná

UFPR
UEM
UEL

Paraíba

UFPB
UFCG

Santa Catarina

UFSC

Bahia

UFBA

Brasília

UnB

Ceará

UFC

Rio Grande do Norte

UFRN

Pará

UFPA

Goiás

UFG

Amazonas

Ufam

Espírito Santo

Ufes

A classificação de uma instituição de ensino superior como UP (Universidade de Pesquisa) foi introduzida nos EUA em 1970, pela Fundação Carnegie, para diferenciar as instituições extensivamente engajadas em atividades de pesquisa. A ideia é que as UPs fossem responsáveis pela produção de parte significativa da ciência de ponta americana.

Entre as 7.300 instituições de ensino superior dos EUA, o total de UPs variou entre 50 e 100.

Em 2005, novo modelo de classificação foi instituído, bem mais amplo, que destaca as áreas de ensino, mas o termo universidade de pesquisa ainda é utilizado.

A importância delas no Brasil é maior do que em países avançados, pois aqui a pesquisa realizada pelo setor empresarial ainda é pouco numerosa. Nessa linha, é importante estimular a atuação das UPs na área de inovação, ainda incipiente.

MAIORIA DAS INSTITUIÇÕES NÃO DEVERIA RECEBER TÍTULO DE UNIVERSIDADE

● POR ROGERIO MENEGHINI E ESTÊVÃO GAMBA

O sistema brasileiro de distribuição de verbas públicas para pesquisa é satisfatório em volume. São cerca de 0,6% do PIB (US\$ 15 bilhões). A distribuição é razoavelmente criteriosa, com avaliação de qualidade. O dispendio envolve as agências federais CNPq e Capes e as FAPs (Fundações Estaduais de Amparo a Pesquisa), que empregam recursos significativos, comparáveis aos aplicados em países como Inglaterra e Espanha.

UPS NACIONAIS

No RUF de 2013, é possível notar 36 universidades que captaram um mínimo de R\$ 20 milhões para pesquisa, um montante significativo. São 26 federais, sete estaduais e três privadas.

Elas são responsáveis por 70% de toda a produção científica brasileira em 2009-2010 e podem ser consideradas UPs, na medida em que grande parte de seus docentes está envolvida nesta atividade e na formação de doutores.

No outro extremo estão cerca

de dois terços das universidades brasileiras, com uma fração baixa de docentes envolvida em produção científica. Pelos critérios do MEC, são reconhecidas como universidades, mas seriam mais propriamente consideradas Instituições de Ensino Superior.

Embora tenhamos universidades de alta qualidade, elas ainda não fazem parte do time de "world class" nos rankings internacionais. A USP, melhor universidade do Brasil de acordo com o RUF, está em 158º lugar na lista do THE (Times Higher Education), muito longe das líderes Caltech (EUA) e Oxford (Reino Unido). Faltam-lhe dois ingredientes importantes: a internacionalização mais pujante do corpo docente e um investimento maior voltado à atração do aluno internacional.

Rogério Meneghini é coordenador científico do Programa SciELO (base que reúne 323 periódicos científicos nacionais com acesso aberto), professor aposentado da USP e responsável pela medição científica do RUF.

Estêvão Gamba é doutorando da Unifesp e responsável pela medição científica do RUF.



RANKING GERAL DE UNIVERSIDADES

LEGENDAS:

● 1- 25 ● 26 - 75 ● 76 - 125 ● 126 - 192
 ■ Universidade Pública ◆ Universidade Privada

RANKING	UNIVERSIDADE	UF	TAMANHO	POSIÇÃO NOS RANKINGS					NOTA TOTAL
				PESQUISA	INTERNACIONALIZAÇÃO	INOVAÇÃO	ENSINO	MERCADO	
1	Univ. de São Paulo (USP)	SP	■	1	2	1	3	1	96,89
2	Univ. Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	■	4	3	4	4	2	95,64
3	Univ. Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	■	6	7	3	2	4	94,90
4	Univ. Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	■	5	21	5	1	11	94,58
5	Univ. Estadual de Campinas (Unicamp)	SP	■	2	6	2	7	11	94,27
6	Univ. Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)	SP	■	6	23	7	9	9	91,76
7	Univ. Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	■	8	8	9	6	16	91,70
8	Univ. de Brasília (UnB)	DF	■	11	5	12	5	11	91,65
9	Univ. Federal do Paraná (UFPR)	PR	■	10	13	6	10	16	90,10
10	Univ. Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	■	14	35	8	8	6	89,21
11	Univ. Federal de São Paulo (Unifesp)	SP	■	3	11	20	16	43	88,01
12	Univ. Federal de São Carlos (UFSCar)	SP	■	9	22	13	12	57	85,66
13	Univ. do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)	RJ	■	13	12	38	32	6	85,04
14	Univ. Federal de Santa Maria (UFSM)	RS	■	16	32	23	11	43	84,82
15	Pont. Univ. Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)	RJ	◆	26	3	27	23	11	84,31
16	Univ. Federal do Ceará (UFC)	CE	■	12	50	27	27	16	84,26
17	Univ. Federal da Bahia (UFBA)	BA	■	18	10	19	35	11	83,66
18	Univ. Federal Fluminense (UFF)	RJ	■	20	9	26	26	26	83,49
19	Pont. Univ. Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)	RS	◆	27	24	11	28	16	82,94
20	Univ. Federal de Viçosa (UFV)	MG	■	15	65	10	13	57	82,81
21	Univ. Federal de Uberlândia (UFU)	MG	■	25	42	18	14	43	81,94
22	Univ. Estadual de Maringá (UEM)	PR	■	22	47	14	17	57	80,93
23	Univ. Estadual de Londrina (UEL)	PR	■	33	44	24	20	33	79,29
24	Univ. Federal da Paraíba (UFPB)	PB	■	28	28	27	44	33	75,94
25	Univ. Federal de Goiás (UFG)	GO	■	24	40	34	55	22	75,88
26	Univ. Federal do Pará (UFPA)	PA	■	30	19	17	53	26	75,43
27	Univ. Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie)	SP	◆	65	26	44	22	2	74,82
28	Univ. Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	■	29	39	31	50	33	74,61
28	Univ. Federal de Pelotas (UFPEL)	RS	■	19	51	40	21	102	74,61
30	Univ. Federal de Juiz de Fora (UFJF)	MG	■	37	64	21	29	57	74,20
31	Univ. Federal de Lavras (Ufla)	MG	■	17	37	15	19	131	73,55
32	Univ. Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	MS	■	42	114	45	31	43	72,38
33	Pont. Univ. Católica do Paraná (PUCPR)	PR	◆	47	82	36	39	16	71,80
34	Univ. Federal do Espírito Santo (Ufes)	ES	■	36	92	45	43	33	71,26
35	Univ. Federal de Ouro Preto (UFOP)	MG	■	35	60	21	25	102	70,92
36	Univ. Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf)	RJ	■	23	30	33	18	155	69,96
37	Univ. Federal de Mato Grosso (UFMT)	MT	■	31	57	-	47	43	69,47
38	Univ. Federal de Alagoas (Ufal)	AL	■	46	63	48	58	33	68,70
39	Univ. Estadual do Ceará (Uece)	CE	■	51	83	41	59	26	67,61
40	Univ. Federal de Campina Grande (UFCG)	PB	■	39	68	71	54	57	66,80
41	Pont. Univ. Católica de Minas Gerais (PUC Minas)	MG	◆	79	117	85	33	6	66,77
42	Univ. do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)	RS	◆	80	71	48	37	26	65,01
43	Pont. Univ. Católica de São Paulo (PUC-SP)	SP	◆	104	91	-	15	4	64,06
44	Univ. Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)	RJ	■	38	76	66	42	102	63,82
45	Univ. Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)	PR	■	64	86	48	34	81	63,77
46	Univ. Estadual de Ponta Grossa (UEPG)	PR	■	44	90	60	56	81	63,59
47	Univ. Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)	MG	■	57	108	85	30	102	61,97
48	Fund. Univ. Federal de Ciênc. da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA)	RS	■	41	97	76	24	155	61,72
49	Univ. Estadual de Feira de Santana (UEFS)	BA	■	40	49	-	61	81	61,68
50	Univ. Federal de Itajubá (Unifei)	MG	■	52	20	35	38	131	61,40

*Nesta página da clipagem, encontra-se somente a página 8 do Caderno RUF, que apresenta o ranking geral de universidades até a posição 192.

internacionalização

Inglês não tem chance nem entre as melhores

As universidades de elite de todo o mundo têm pelo menos uma obsessão comum: a busca por estudantes e professores estrangeiros. Egressos de outros países trazem um repertório diversificado de ideias, problemas e soluções, o que enriquece o ambiente de ensino — e, no caso dos alunos importados, também o caixa das instituições.

No Brasil, porém, o movimento de internacionalização está engatinhando. Além da falta de uma política de atração de estrangeiros, ensinar em português é um grande empecilho.

Em países como Holanda, Alemanha e Dinamarca, a maioria das universidades dá aulas em inglês, para permitir a o intercâmbio de alunos e docentes. Recentemente, até a vetusta Universidade Sorbonne aderiu a aulas no idioma de Shakespeare.

“A quantidade de disciplinas em inglês é o principal fator de internacionalização em universidades de países de língua não-inglesa”, analisa Laura Ripoll, da Universidade de Girona, na Espanha, que criou metodologia para analisar a internacionalização de universidades de seu país.

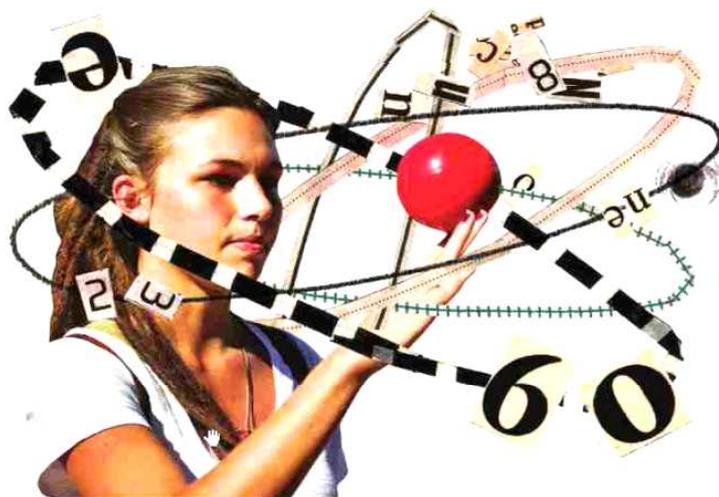


Ilustração Catarina Bessel sobre fotos Folhapress

SEM AULAS EM INGLÊS, BRASIL SÓ CONSEGUE ATRAIR PROFESSORES E ALUNOS ESTRANGEIROS DA AMÉRICA LATINA E DE PORTUGAL

● POR SABINE RIGHETTI

a Universidade de Coimbra (709 alunos). Portugal acabou sendo retirado do programa.

MOBILIDADE ENGESSADA

Enquanto em Harvard, nos EUA, a média de alunos estrangeiros chega a 20%, nas estaduais paulistas é de 2%. A maioria vem de países vizinhos, como Argentina, Colômbia e Portugal.

A universidade mais “internacional” do Brasil, UFABC, e a melhor do país, USP, ainda não têm planos de dar aulas em inglês. A Unicamp chegou a estudar a possibilidade, mas o assunto saiu da pauta do conselho universitário.

A resistência vem da própria comunidade acadêmica, que alega que aulas em inglês afetariam a igualdade nas condições de acesso e permanência na escola.

As estaduais paulistas já podem promover concursos para docentes em outros idiomas. “Nas universidades federais, no entanto, um estrangeiro teria de ser concursado em português para dar aula”, diz Leandro Tessler, ex-coordenador de relações internacionais da Unicamp.

Avalizado por especialistas, para quem a inserção internacional é uma necessidade imposta pela globalização cada mais acentuada de pesquisa e ensino, o RUF 2013 incorporou três subindicadores para aferir o grau de reconhecimento das universidades brasileiras no exterior.

Entre os líderes da lista desse indicador, há quatro universidades públicas e uma privada (veja infográfico ao lado). Nenhuma delas tem aulas em inglês.

A ausência do inglês nas salas de aula é reflexo da pouca fluência nacional, como mostra o Ciência sem Fronteiras, programa federal que já enviou cerca de 50 mil alunos para o exterior e planeja chegar a 100 mil.

As seis universidades que mais receberam bolsistas brasileiros quando o programa foi lançado eram portuguesas. A campeã foi

VINDOS DE FORA

Com aulas e artigos principalmente em português, universidades ainda patinam em internacionalização

As mais internacionais

- 1º UFABC: Maioria dos 58 docentes estrangeiros (13% do total) da UFABC vem de Argentina, Colômbia e Rússia
- 2º USP
- 3º UFRJ
- 4º PUC-Rio
- 5º UnB: Predominam argentinos, italianos e peruanos entre os 393 professores estrangeiros (6,5% do total)



2%

dos estudantes das universidades estaduais paulistas são estrangeiros



20%

é a participação de alunos estrangeiros no total em universidades como Harvard

Universidades são as que mais inovam

USP E UFMG ESTÃO LADO A LADO COM PETROBRAS NA LISTA DE QUEM MAIS PEDE PATENTE NO BRASIL

● POR SABINE RIGHETTI

Enquanto ainda se discute se é papel das universidades fazer pesquisa para o mercado, no Brasil são justamente as universidades que mais inovam.

De acordo com um levantamento do Inpi (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), USP e Unicamp estão no topo da lista de grandes patenteadores do Brasil ao lado de empresas como a Petrobras e a Whirlpool.

Também conforme o Inpi, a taxa de aprovação dos pedidos de patente, que gira em torno de

10% a 20%, tende a ser maior nas universidades do que a das empresas. Isso porque as universidades estão mais preparadas para escrever esses pedidos.

“As universidades estimularam o patenteamento recentemente com criação dos núcleos de inovação tecnológica internamente. Já as empresas não tiveram o mesmo estímulo adicional para patentear”, explica o engenheiro Bruno Rondani, da consultoria de inovação Allagi.

Esses núcleos têm profissio-

nais que auxiliam os pesquisadores a escrever os pedidos de patentes, acompanham o trâmite (que leva em média seis anos) e, se o pedido for aprovado, buscam empresas para licenciá-lo.

A participação das universidades no processo de inovação, dizem os especialistas, ainda tende a crescer nos próximos anos.

“As universidades estão buscando consolidar seu papel como produtoras de conhecimento”, explica Herica Righi, pesquisadora da Fundação Dom Cabral.

Unicamp e a UFMG planejam até a construção de um parque tecnológico no campus nos moldes da UFRJ, com laboratórios de empresas como a Petrobras.

“Já as empresas enfrentam barreiras para inovar, como riscos econômicos e elevados custos da inovação”, afirma Righi.

92

das 192 instituições reconhecidas como universidades não fizeram nenhum pedido de patente ao Inpi de 2002 a 2011



ensino

Enade tira USP do topo da graduação

ÚNICA ESCOLA DO PAÍS QUE NÃO PARTICIPA DO EXAME FEDERAL, A UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PERDE PONTOS E FICA ATRÁS DAS FEDERAIS UFRGS E UFMG

● POR FÁBIO TAKAHASHI

Primeira colocada no ranking geral do RUF e dona de alguns dos cursos mais cobiçados do país, a USP perdeu para as federais UFRGS e UFMG no indicador de ensino.

A desvantagem da universidade estadual paulista pode ser explicada por uma decisão metodológica desta edição 2013: a inclusão do Enade, exame nacional do MEC, como critério para avaliar cursos de graduação.

A USP é a única escola do país que até este ano se recusava a participar da prova, escorada no argumento das deficiências do exame, que não permite, por exemplo, identificar se uma nota baixa é reflexo de boicote do aluno.

Parte da sociedade, porém, encarava a decisão como uma recusa da universidade a se submeter a avaliações comparativas.

Sem o Enade, a USP perdeu de largada dois pontos. Como sua diferença em relação à líder de ensino, UFRGS, foi de 1,07 ponto, ela provavelmente assumiria a ponta também nesse indicador, caso tivesse feito a prova.

Um dado reforça essa possibilidade. A estadual paulista ficou à frente das duas federais nos outros três subindicadores de ensino (opinião dos avaliadores do Inep-MEC, docentes com doutorado e com dedicação integral).

A inclusão do Enade no RUF atende o objetivo de valorizar a participação das universidades numa avaliação nacional e padronizada dos estudantes.

O entendimento é que a prova federal, criada em 2004 e feita anualmente por cerca de 500 mil formandos, pode dar informações pertinentes sobre a qualidade da formação nas instituições.

No mês passado, a USP anunciou a adesão em caráter experimental, mas suas notas não serão divulgadas ao menos nos próximos três anos. Os alunos também poderão faltar ao teste, sem qualquer punição — nas federais e particulares obrigadas por lei a fazer o exame, os ausentes não conseguem tirar o diploma.

A pró-reitoria de graduação diz que “reconhece o Enade como indicador de qualidade”, mas aguarda aprimoramentos para aderir a ele integralmente.

A entrada tardia no exame federal atrapalhou também a Unicamp, que começou a participar apenas em 2010 e não tem notas em todos os cursos. A escola de Campinas ficou em 7º no ensino.



33%

é a proporção de professores com doutorado ou mestrado exigida por lei federal para uma instituição ser considerada universidade

DISCREPÂNCIA

A complexidade do RUF traz uma situação que pode parecer contraditória. A USP é 3ª colocada no indicador geral de ensino, mas é a universidade com o maior número de cursos em primeiro lugar (sete).

Para o Datafolha, que tabulou dos dados, isso pode ocorrer porque a nota geral leva em conta todos os cursos das 192 universidades, e não apenas as 30 carreiras avaliadas individualmente no RUF. Assim, alguns dos outros 219 cursos oferecidos pela USP podem perder pontos para concorrentes, como as federais de Minas e do Rio Grande do Sul.

AS LÍDERES

Primeira colocada no ranking das graduações, a UFRGS afirma que a universidade foi impulsionada pela contratação, nos últimos cinco anos, de 750 professores, que se somaram aos então 2.000 docentes, como parte do programa de expansão das universidades federais, iniciado em 2007 — 95% dos novos educadores têm titulação de doutor.

“Ganhamos em vitalidade e em novas ideias. Os recém-contratados se aliaram a um corpo docente já consolidado”, afirma o reitor Carlos Alexandre Netto.

A UFMG diz que seu ponto forte é a integração de ensino e pesquisa. O reitor Clélio Campolina Diniz cita como exemplo um acordo recém-fechado com a Fiat para desenvolvimento dos motores a álcool usados nos veículos da montadora. Os estudantes poderão participar do projeto.

PERFIL DOS PROFESSORES INFLUENCIA RANKING DE ENSINO

VARIÁVEIS COMO DOCENTES COM DOUTORADO E DEDICAÇÃO INTEGRAL PODEM INFLUIR MAIS NA QUALIDADE DO CURSO DO QUE A INFRAESTRUTURA

● POR FÁBIO TAKAHASHI



A partir desta edição, o RUF passa a adotar dois subindicadores para avaliar a qualidade dos docentes na graduação: número de doutores e de professores que trabalham em regime de dedicação integral.

A inclusão do primeiro se baseia na aceitação mundial do critério, adotado pelos principais rankings internacionais e consenso de qualidade entre especialistas.

Já o segundo contempla uma peculiaridade do cenário nacional — o predomínio de instituições com professores que apenas dão aulas, sem tempo remunerado para atender alunos e fazer pesquisas.

Esses fatores podem ser mais efetivos do que a infraestrutura da escola, avalia o professor de economia da USP Reynaldo Fernandes, que estudou as variáveis que influenciam a qualidade do ensino quando era presidente do Inep, entre 2005 e 2009.

“Testamos todos os dados disponíveis. Doutorado e dedicação integral apareceram como os mais significativos”, diz. Em 2008, os dois quesitos passaram a integrar a lista oficial que o MEC adota na

fiscalização dos cursos.

O pesquisador pondera, porém, que esses subindicadores podem não ter tanto impacto em cursos que exigem uma ligação mais estreita com o mercado.

A área de publicidade é um caso exemplar. Nela, a ESPM é considerada a melhor tanto pelos avaliadores do MEC quanto pelos executivos de RH. Mas, como a escola aparece na 116ª posição da lista de docentes com doutorado, cai para o terceiro no ranking de ensino. A ESPM tem 31% de doutores; a USP conta com 99%.

“Buscamos professores que sejam atuantes no mercado de trabalho, e dificilmente eles têm doutorado”, afirma o pró-reitor de graduação da ESPM, Marcelo D’Emídio. “Mas à medida que haja mais profissionais com titulação, vamos atrás deles. É o perfil que buscamos.”

Os dois subindicadores foram usados em conjunto apenas no ranking geral de universidades. Na análise dos 30 cursos que mais formam, o item dedicação integral deixou de ser adotado por falta de dados do Inep-MEC.

% DE DOUTORES EM INSTITUIÇÕES AVALIADAS NO RUF



*Segundo avaliadores do MEC e opinião do mercado. Fonte: Censo da Educação Superior 2011



Ilustração Catarina Bessel sobre fotos Folhapress

emprego

Particulares apostam em convênios

Flexibilidade para atualizar projetos pedagógicos de cursos, avaliação constante de aulas/professores e programas de estágios robustos, que aproximam alunos de empresas e instituições de ensino.

São essas as três características comuns às universidades privadas que estão no ranking das dez instituições de ensino superior com maior aceitação no mercado de trabalho nas 30 carreiras analisadas pelo RUF.

O Datafolha perguntou a 1.681 executivos da área de recursos humanos de empresas de todo o Brasil de quais universidades eram os formandos que suas organizações mais contratavam.

A lista das mais citadas (veja ao lado), encabeçada pela USP, traz a Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) na segunda posição, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) na quarta colocação, a PUC-

INSTITUIÇÕES PRIVADAS INVESTEM EM ESTÁGIO E EM ATUALIZAÇÕES NOS CURRÍCULOS PARA OBTER SUCESSO ENTRE EMPRESAS

● POR FERNANDA MENA

Minas no sexto lugar e a Universidade Paulista (Unip) em nono lugar do ranking de mercado.

“Essas instituições têm o benefício de colocar no mercado um grande número de alunos. Ainda assim, as três práticas citadas por elas são, de fato, importantes para que tenham preferência no mercado de trabalho”, avalia Romário Davel, consultor educacional da Hoper.

“Instituições antenadas que flexibilizam os programas de seus cursos podem torná-los mais atrativos a quem emprega. Um sistema de controle de qualidade do conteúdo ministrado em aula é, portanto, fundamental também. E um projeto de estágios aproxima os alunos de quem pode empregá-los.”

Nona colocada na classificação do mercado de trabalho, a Unip tem cerca de 170 mil alunos, dos quais mais de 70 mil frequentam cursos à distância. Pa-

ra o reitor João Carlos Di Genio, no entanto, não foi o volume de formandos que colocou a instituição entre as dez mais citadas pelas áreas de recursos humanos das empresas.

“Há outras instituições com tantos estudantes quanto nós em São Paulo e que não foram tão citadas”, defende. “Sempre estivemos voltados para o mercado e o futuro das profissões, cujas mudanças são ditadas pela economia e pelas medidas do governo. Atualizamos nossos cursos em função dessas diretrizes.”

A vice-reitora, Marília Ancona Lopes, cita o caso do curso de pedagogia, que ganhou disciplinas lecionadas via internet para familiarizar os alunos a novas plataformas de ensino e de relacionamento com alunos.

A UPM (Universidade Presbiteriana Mackenzie) credita sua classificação a uma combinação que tem como elemento-chave o programa de estágios.

Foi por meio dele que, em 2012, mais de 16 mil contratos de estágio para os cerca de 40 mil alunos do Mackenzie foram assinados. “Fomos os primeiros a criar um programa oficial de estágios no Brasil, ainda nos anos 1920”, conta o reitor Benedito Guimarães.

Bolsas de auxílio-pesquisa, laboratórios, incubadora de empresas júnior e eventos de recrutamento também são citados como parte deste resultado.

Para a reitora da PUC-SP, Ana Cintra, o sistema de avaliação do corpo docente da universidade, que passou a incluir pareceres dos alunos, ajuda a manter a instituição neste ranking. “A tradição e a história da PUC pesam bastante também”, avalia.

Para a vice-reitora da PUC-Minas, Patrícia Bernardes, é preciso que universidade e mercado dialoguem mais, já que são as empresas que lidam com inovação e produtividade e que geram a renda do país.

“Para aumentar produtividade e competitividade do Brasil é necessário que as universidades falem um pouco mais a linguagem do mercado”, diz. “O desafio da universidade é fazer com que a aproximação dos alunos com o mercado se dê com a maior qualidade possível.”



AS 10 MAIS CITADAS PELO MERCADO

- 1 USP
- 2 UFRJ
- Mackenzie
- 4 UFMG
- PUC-SP
- 6 UFPE
- UERJ
- PUC-MG
- 9 Unesp
- Unip



Particulares dominam o topo do indicador mercado em marketing e propaganda, com quatro posições



Marketing e propaganda é ainda o único curso liderado, isoladamente, por uma particular no indicador mercado



RANKING DE CURSOS*

Avalia os 30 com maior número de matriculados

- > Administração
- > Agronomia
- > Análise de sistemas
- > Arquitetura e urbanismo
- > Ciência da computação
- > Ciências biológicas
- > Ciências contábeis
- > Direito
- > Economia
- > Enfermagem
- > Engenharia civil
- > Engenharia de produção
- > Engenharia elétrica
- > Engenharia mecânica
- > Farmácia
- > Fisioterapia
- > Educação física
- > Matemática
- > Química
- > Geografia
- > História
- > Jornalismo
- > Letras
- > Marketing e propaganda
- > Medicina
- > Nutrição
- > Odontologia
- > Pedagogia
- > Psicologia
- > Serviço social

*Diferentemente do ranking universitário, o de cursos não usa o indicador "percentual de professores com dedicação integral" porque o Inep-MEC não possui esse dado por curso



RANKING DE ENSINO



75 pontos

Pesquisa Datafolha com 464 professores universitários cadastrados pelo Inep-MEC que avaliam cursos de graduação

20 pontos

Percentual de professores com doutorado, segundo o Inep-MEC

5 pontos

Nota no Enade, segundo o Inep-MEC



RANKING DO MERCADO DE TRABALHO

Considera pesquisa Datafolha com 1.681 responsáveis pela área de recursos humanos de empresas

As instituições que tiveram o mesmo número de citações pelas empresas aparecem empatados no ranking

Cursos com maior número de matriculados em 2011

Administração	949 mil
Direito	723 mil
Pedagogia	305 mil
Enfermagem	243,6 mil
Ciências contábeis	239,5 mil
Ciência da computação	155 mil
Psicologia	147,3 mil
Engenharia civil	143,6 mil
Letras	140,4 mil
Educação física	118,3 mil



RANKING DOS CURSOS

O RUF avaliou as 30 carreiras com maior número de matriculados com base em três indicadores de qualidade do ensino (confira ao lado o peso de cada um). Esses cursos somam 6,7 milhões de alunos, cerca de 70% do total nacional de estudantes em instituições de ensino superior.

Veja a lista completa dos cursos em ruf.folha.uol.com.br/2013

INDICADORES E PESOS
DOCTORES - % de professores com doutorado (20 pontos)
ENADE - nota do curso na prova federal (5 pontos)
MEC - opinião dos avaliadores do Inep-MEC (75 pontos)

ADMINISTRAÇÃO

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	FGV-SP	SP	8	20	1
2	UFRGS	RS	14	12	3
3	Insper	SP	10	5	4
3	UFMG	MG	7	17	4
5	UFRJ	RJ	23	20	4
6	FGV-RJ	RJ	15	53	4
7	UFPR	PR	26	17	4
8	UFMS (Santa Maria)	RS	39	32	4
9	UFU (Uberlândia)	MG	72	3	4
10	USP	SP	5	-	2

RANKING DE MERCADO

1	FGV-SP	SP
1	Mackenzie	SP
1	USP	SP
4	Estácio	RJ
1	PUC Minas	MG
1	PUC-SP	SP
1	UFC	CE
1	UFMG	MG
1	UFPE	PE
1	UFRJ	RJ
1	Unicamp	PE
1	Unip	SP

AGRONOMIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFV (Viçosa)	MG	24	27	1
2	USP	SP	4	-	1
3	Ufla (Lavras)	MG	8	9	3
4	UFRGS	RS	11	2	3
5	Unesp	SP	5	25	3
6	UFMS (Santa Maria)	RS	23	12	3
7	UFRJ (Rural do Rio)	RJ	31	35	3
8	UFMG	MG	43	78	3
9	UFPE (Pelotas)	RS	6	13	9
10	UFSC	SC	14	3	9

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	UFV (Viçosa)	MG
1	Unesp	SP

FGV-SP LÍDERA ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA

A faculdade dominou em sua área, liderando em administração e economia. Em administração, batera a USP mesmo que esta obtivesse a pontuação máxima no Enade

ANÁLISE DE SISTEMAS

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	PUC-Rio	RJ	9	24	2
2	Unicamp	SP	7	63	2
3	USP	SP	1	-	1
4	UFMG	MG	4	-	2
5	UFPE	PE	20	-	2
6	UFSC	SC	6	52	6
7	PUCRS	RS	45	19	6
8	Unesp	SP	1	16	8
9	UFPR	PR	62	61	8
10	UFMS	MS	64	166	8

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Mackenzie	SP
1	PUC-Rio	RJ
1	PUCRS	RS
1	UFBA	BA
1	UFC	CE
1	Ufes	ES
1	UFMG	MG
1	UFPE	PE
1	UFSC	SC
1	Unama (Univ. da Amaz.)	PA
1	Unifacs (Salvador)	BA
1	Unip	SP
1	Unisinos	RS

ARQUITETURA E URBANISMO

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFRGS	RS	11	2	2
2	USP	SP	1	-	1
3	UFRJ	RJ	12	90	2
4	Mackenzie	SP	46	131	2
5	UnB	DF	5	6	5
6	UFMG	MG	6	11	5
7	UFPR	PR	8	20	5
8	Unicamp	SP	2	65	5
9	UFSC	SC	21	28	5
10	UEL (Londrina)	PR	26	13	5

RANKING DE MERCADO

1	Mackenzie	SP
1	UFRJ	RJ
1	USP	SP
4	Belas Artes	SP
1	FAAP	SP
1	Gama Filho	RJ
1	PUC Minas	MG
1	PUC-Campinas	SP
1	PUCPR	PR
1	PUC-Rio	RJ
1	PUCRS	RS
1	São Judas	SP
1	UFBA	BA
1	UFMG	MG
1	UFMS	MS
1	UFRGS	RS
1	UnB	DF
1	Unicamp	SP
1	Unip	SP
1	Unisinos	RS

UNB QUEBRA HEGEMONIA DO SUL

Ciências contábeis é o único em que a liderança está fora do eixo Sul-Sudeste. A UnB é também a instituição fora desse eixo com maior presença entre os dez melhores (14 vezes)

CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	USP	SP	1	-	1
2	UFMG	MG	7	13	3
3	Unicamp	SP	9	348	2
4	UFRJ	RJ	8	127	3
5	Unesp	SP	6	196	3
6	Uenf (Norte Fluminense)	RJ	1	23	6
7	UFRGS	RS	13	39	6
8	UFPR	PR	15	36	6
9	UnB	DF	22	12	6
10	Ufla (Lavras)	MG	25	5	6

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	UFRJ	RJ
1	Unesp	SP
1	Unicamp	SP

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UnB	DF	4	3	2
2	UFRGS	RS	11	8	2
3	PUC-SP	SP	24	93	2
4	USP	SP	3	-	1
5	UFMG	MG	5	20	5
6	UFSC	SC	13	16	5
7	UFPB	PB	44	48	5
8	PUCRS	RS	52	113	5
9	Fecap	SP	82	22	5
10	Mackenzie	SP	72	103	5

RANKING DE MERCADO

1	Mackenzie	SP
1	PUC-SP	SP
1	USP	SP
4	PUC Minas	MG
1	Uerj	RJ
1	UFBA	BA
1	UFMG	MG
1	UFPE	PE
1	UFRJ	RJ

RANKING DOS CURSOS

CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFRGS	RS	10	2	1
2	UFRJ	RJ	7	34	1
3	UFPE	PE	21	30	1
4	Unicamp	SP	12	148	1
5	USP	SP	5	-	1
6	UFMG	MG	6	5	6
7	UFSC	SC	14	32	6
8	UFMG (Campina Grande)	PB	28	6	6
9	UFPEl (Pelotas)	RS	29	8	6
10	PUC-Rio	RJ	17	41	6

CAMPINA GRANDE DESPONTA NA ÁREA DE TECNOLOGIA

UFMG ocupa a oitava posição nos cursos de ciência da computação e engenharia elétrica. O desempenho é influenciado pela parceria da universidade com empresas baseadas no polo tecnológico da cidade. Nokia e HP mantêm laboratórios no campus

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Estácio	RJ
	Fumec	MG
	Mackenzie	SP
	PUC Minas	MG
	PUCPR	PR
	PUC-Rio	RJ
	PUCRS	RS
	PUC-SP	SP
	Uece	CE
	UEL (Londrina)	PR
	Uerj	RJ
	UFBA	BA
	UFC	CE
	UFMA	MA
	UFMG	MG
	UFPE	PE
	UFRGS	RS
	UFRJ	RJ
	UFSC	SC
	UNA	MG
	Unama (Univ. da Amaz.)	PA
	UnB	DF
	Unesp	SP
	Unicap	PE
	Unifacs	BA
	Unifor	CE
	Unip	SP
	UPE	PE

DIREITO TEM EQUILÍBRIO NO TOPO

A distância entre o primeiro e o quinto lugar é de 0,25 ponto. O curso da FGV, fundado em 2005, se destaca por dividir espaço com cinco centenários: UFMG, UFRGS, USP, UFRJ e UFPR

DIREITO

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFMG	MG	2	4	3
2	FGV-SP	SP	3	10	3
3	UFRGS	RS	9	4	3
4	UnB	DF	5	21	3
5	USP	SP	1	-	1
6	PUC-SP	SP	17	303	2
7	UFRJ	RJ	7	99	3
8	UFSC	SC	24	46	3
9	Mackenzie	SP	54	306	3
10	UFPR	PR	4	-	3

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Mackenzie	SP
	PUC-SP	SP
	PUC Minas	MG
5	PUC-Rio	RJ
	Uerj	RJ
	UFMG	MG
	UFPE	PE
	UFRJ	RJ
	UnB	DF

ECONOMIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	FGV-SP	SP	7	7	2
2	UFRJ	RJ	9	16	2
3	USP	SP	1	-	1
4	PUC-Rio	RJ	24	10	2
5	Unicamp	SP	10	-	2
6	UFMG	MG	6	4	6
7	UFRGS	RS	14	13	6
8	PUC-SP	SP	39	103	6
9	UnB	DF	13	1	9
10	Inspier	SP	15	9	9

MINAS EMPLACA TRÊS ENTRE MELHORES

Criada há 80 anos, a escola que lidera a lista, da UFMG, tem estágio obrigatório na área hospitalar e de atenção básica. Alunos também participam de internato rural

RANKING DE MERCADO

1	FGV-SP	SP
	USP	SP
3	FAAP	SP
	Ibmec	RJ
	Mackenzie	SP
	PUC-Rio	RJ
	PUCRS	RS
	PUC-SP	SP
	Uerj	RJ
	UFBA	BA
	UFC	CE
	UFPE	PE
	UFRGS	RS
	UFRJ	RJ
	UFSC	SC
	UnB	DF
	Unicamp	SP
	Unifor	CE

EDUCAÇÃO FÍSICA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFMG	MG	8	54	2
2	USP	SP	3	-	1
3	Unicamp	SP	5	256	2
4	UFRGS	RS	12	388	2
5	Unifesp	SP	4	15	5
6	Unesp	SP	6	191	5
7	UEL (Londrina)	PR	58	36	5
8	UFSC	SC	21	225	5
9	UFMS (Santa Maria)	RS	14	332	5
10	UFRJ	RJ	35	411	5

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Uerj	RJ
	UFRJ	RJ
	Unesp	SP
	Unicamp	SP

INSTITUIÇÕES MILITARES SE SAEM BEM

Engenharia civil é o único curso avaliado em que duas instituições militares aparecem entre as dez melhores no indicador de ensino. O ITA também se destaca em engenharia mecânica (4º)

ENFERMAGEM

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFMG	MG	3	30	2
2	UFRJ	RJ	10	28	2
3	USP	SP	2	-	1
4	Unifesp	SP	4	-	2
5	Unicamp	SP	6	-	2
6	Unifal (Alfenas)	MG	12	4	6
7	UFPR	PR	18	20	6
8	UFTM (Triâng. Min.)	MG	25	1	6
9	UFRGS	RS	8	59	6
10	UFG	GO	28	5	6

RANKING DE MERCADO

1	Estácio	RJ
	FMU	SP
	PUC Minas	MG
	São Camilo	SP
	UCB (Católica de Brasília)	DF
	UFMG	MG
	UFPE	PE
	UFPR	PR
	Uninove	SP
	Unip	SP
	UPE	PE
	USP	SP

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFRJ	RJ	5	8	2
2	USP	SP	2	-	1
3	UFRGS	RS	13	28	3
4	UFSC	SC	24	4	3
5	Unicamp	SP	4	64	3
6	ITA	SP	9	2	6
7	IME	RJ	10	1	6
8	UnB	DF	8	13	6
9	UFMG	MG	6	18	6
10	Unesp	SP	3	41	6

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Mackenzie	SP
	Positivo	PR
	PUC Minas	MG
	PUCPR	PR
	PUC-Rio	RJ
	UFMG	MG
	UFPR	PR
	UFRJ	RJ
	Unip	SP

RANKING DOS CURSOS

ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFSC	SC	19	7	1
2	USP	SP	5	-	1
3	UFRJ	RJ	7	2	3
4	UFSCar	SP	10	12	3
5	UFRGS	RS	14	4	3
6	Uenf (Norte Fluminense)	RJ	1	19	6
7	UFMG	MG	8	10	6
8	UFPE	PE	18	20	6
9	PUC-Rio	RJ	17	29	6
10	Unesp	SP	6	61	6

RANKING DE MERCADO

1	FEI	SP
	USP	SP
3	Mauá	SP
	PUC-Rio	RJ
	Uerj	RJ
	UFBA	BA
	UFC	CE
	UFPE	PE
	UFRGS	RS
	UFRJ	RJ
	UFSC	SC
	Unesp	SP

ENGENHARIA ELÉTRICA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	Unicamp	SP	5	65	1
2	USP	SP	2	-	1
3	UFSC	SC	16	2	3
4	UFRJ	RJ	6	100	3
5	Unesp	SP	3	20	5
6	UFRGS	RS	12	4	5
7	UFMG	MG	4	28	5
8	UFMG (Campina Grande)	PB	44	8	5
9	Unifei (Itajubá)	MG	49	26	5
10	UFSCar	SP	14	-	5

RANKING DE MERCADO

1	FEI	SP
	USP	SP
3	Área1	BA
	Mauá	SP
	Uerj	RJ
	UFBA	BA
	UFC	CE
	UFMG	MG
	UFPE	PE
	UFRJ	RJ
	UFSC	SC
	Unesp	SP
	Unicamp	SP
	Unifor	CE



**FEDERAL DE SC
GANHA EM 2 DAS
4 ENGENHARIAS**

A UFSC lidera em produção e mecânica. Fatores que ajudam: o Estado tem a 2ª melhor educação básica do país (pelo IDH) e uma importante indústria mecânica. Quase um quarto dos alunos da instituição são de SP, RS e PR

ENGENHARIA MECÂNICA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFSC	SC	11	8	1
2	Unicamp	SP	4	81	1
3	USP	SP	1	-	1
4	ITA	SP	12	1	4
5	PUC-Rio	RJ	8	16	4
6	UFRGS	RS	15	10	4
7	UFRJ	RJ	2	50	4
8	FEI	SP	64	54	4
9	UFU (Uberlândia)	MG	3	11	9
10	UnB	DF	9	9	9

RANKING DE MERCADO

1	FEI	SP
	UFMG	MG
	UFRJ	RJ
	USP	SP
5	Mauá	SP
	PUC Minas	MG
	PUC-Rio	RJ
	PUCRS	RS
	Uerj	RJ
	UFBA	BA
	UFC	CE
	UFF (Fed. Flum.)	RJ
	UFPB	PB
	UFPE	PE
	UFPR	PR
	UFRGS	RS
	UFRN	RN
	UFSC	SC
	Unesp	SP
	Unicamp	SP
	Unifacs (Salvador)	BA
	Unifor	CE
	Unisinos	RS
	UTFPR	PR

FARMÁCIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	Unesp	SP	1	29	2
2	UFRGS	RS	8	17	2
3	USP	SP	1	-	1
4	UFMG	MG	4	8	4
5	Unicamp	SP	5	16	4
6	UFPR	PR	15	1	4
7	UnB	DF	12	13	4
8	Ufop (Ouro Preto)	MG	23	7	4
9	UFPE	PE	11	49	4
10	UFSC	SC	24	20	4

RANKING DE MERCADO

1	UFMG	MG
	UFRJ	RJ
	Unip	SP
	USP	SP

**MERCADO SE DESCONECTA
DOS MELHORES EM ENSINO**

A UFSCar, que ocupa a segunda colocação em ensino de fisioterapia, e a UFTM, que fica em quinta, aparecem apenas na 49ª posição no indicador de mercado

**USP SE
DESTACA EM
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

Apesar de não ter os pontos do Enade, a USP ficou em primeiro em sete dos oito cursos que formam educadores para o ensino básico (só perdeu em educação física)

FISIOTERAPIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFMG	MG	9	10	2
2	UFSCar	SP	18	5	2
3	USP	SP	4	-	1
4	Unifesp	SP	5	14	4
5	UFTM (Triâng. Min.)	MG	13	2	4
6	UFPE	PE	11	15	4
7	Unesp	SP	15	9	4
8	Udesc (Estadual de SC)	SC	17	17	4
9	UFRJ	RJ	21	24	4
10	UFSM (Santa Maria)	RS	27	19	4

RANKING DE MERCADO

1	Estácio	RJ
	UFMG	MG
	UFPE	PE
	USP	SP

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	USP	SP	1	-	1
2	Unesp	SP	7	158	2
3	UFRJ	RJ	14	151	2
4	UFMG	MG	9	40	4
5	UFU (Uberlândia)	MG	18	21	4
6	UFPR	PR	19	25	4
7	UnB	DF	20	28	4
8	UFC	CE	25	33	4
9	UFRGS	RS	36	38	4
10	UFSM (Santa Maria)	RS	38	37	4

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	UFRJ	RJ
	Unesp	SP
	Unicamp	SP

RANKING DOS CURSOS

HISTÓRIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	USP	SP	1	-	1
2	UFMG	MG	4	7	3
3	Unicamp	SP	11	249	2
4	UFRGS	RS	20	69	3
5	PUCRS	RS	29	44	3
6	UFRJ	RJ	15	223	3
7	UnB	DF	26	194	3
8	UFF (Fed. Flum.)	RJ	13	-	3
9	PUC-SP	SP	33	248	3
10	UFPE	PE	43	236	3

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	PUC-SP	SP
	Uerj	RJ
	UFF (Fed. Flum.)	RJ
	UFRJ	RJ
	Unesp	SP
	Unicamp	SP

JORNALISMO

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFSC	SC	3	3	2
2	UFRJ	RJ	4	105	2
3	USP	SP	1	-	1
4	PUCRS	RS	37	14	2
5	Cásper Líbero	SP	52	179	2
6	ESPM-SP	SP	75	-	2
7	UFMG	MG	5	2	7
8	UFRGS	RS	9	9	7
9	UEPG (Ponta Grossa)	PR	11	12	7
10	UFBA	BA	19	7	7

RANKING DE MERCADO

1	Cásper Líbero	SP
	USP	SP
3	ESPM-SP	SP
	Mackenzie	SP
	PUC-Rio	RJ
	PUC-SP	SP
	UFRGS	RS
	UFRJ	RJ

COM APENAS DOIS ANOS, ESPM SE DESTACA

Entre as 30 carreiras avaliadas, o jornalismo da ESPM é o curso mais novo a entrar entre os 10 melhores do país (foi criado em 2011). Segundo a direção da escola, a ideia é formar tanto gestores de empresas quanto profissionais que lidem diretamente com a notícia. Há aulas de marketing já no primeiro ano

LETRAS

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	USP	SP	3	-	1
2	Unicamp	SP	14	412	1
3	UFMG	MG	6	33	3
4	UFRJ	RJ	12	410	3
5	UFPR	PR	16	18	5
6	UFRGS	RS	17	20	5
7	Unesp	SP	5	103	5
8	PUC-Rio	RJ	26	32	5
9	PUCRS	RS	31	47	5
10	UFC	CE	18	102	5
10	UFU (Uberlândia)	MG	9	137	5

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	UFRJ	RJ
	Unesp	SP
	Unicamp	SP

MARKETING E PROPAGANDA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFMG	MG	6	1	3
2	UFRJ	RJ	5	41	3
3	ESPM-SP	SP	116	42	1
4	PUC-Rio	RJ	25	37	3
5	USP	SP	4	-	2
6	PUCRS	RS	48	15	3
7	Mackenzie	SP	62	142	3
8	PUC-Campinas	SP	105	81	3
9	UFRGS	RS	-	2	3
10	Esamc (Uberlândia)	MG	17	36	10

RANKING DE MERCADO

1	ESPM-SP	SP
2	FAAP	SP
	Mackenzie	SP
	PUC-SP	SP
	USP	SP

MARÍLIA SURPREENDE COM CURSO DE MEDICINA POUCO CONHECIDO

Pouco conhecida até em SP, a Faculdade de Medicina de Marília é uma autarquia do governo estadual e tem o curso desde 1966. Oferece 80 vagas anuais, preenchidas apenas com vestibular. Não usa o Enem nem adota cotas

MATEMÁTICA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	USP	SP	6	-	1
2	UFRJ	RJ	10	55	2
3	Unicamp	SP	9	74	2
4	Unesp	SP	8	14	4
5	UFMG	MG	7	32	4
6	UFRGS	RS	15	9	4
7	UFSCar	SP	13	38	4
8	UFC	CE	18	161	4
9	PUC-Rio	RJ	16	-	4
10	UFPR	PR	11	53	10

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	UFRJ	RJ
	Unesp	SP
	Unicamp	SP

MEDICINA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	Unifesp	SP	3	50	2
2	USP	SP	1	-	1
3	Unesp	SP	4	24	3
4	UFRJ	RJ	9	14	3
5	Unicamp	SP	2	40	3
6	UFRGS	RS	8	27	3
7	Santa Casa	SP	10	38	3
8	UFMG	MG	5	66	3
9	UEL (Londrina)	PR	61	5	3
10	Famema (Marília)	SP	77	3	3

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	UFRJ	RJ
	Unicamp	SP
	Unifesp	SP
5	Santa Casa	SP
	Uerj	RJ
	UFBA	BA
	UFG	GO
	UFMG	MG
	UFPE	PE
	UFPR	PR
	UFRGS	RS
	UnB	DF
	UPE	PE

RANKING DOS CURSOS

NUTRIÇÃO

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	Unifesp	SP	4	18	2
2	UFRJ	RJ	7	20	2
3	USP	SP	3	-	1
4	Unicamp	SP	1	-	2
5	Unesp	SP	1	13	5
6	UFMG	MG	6	4	5
7	UnB	DF	8	2	5
8	UFG	GO	9	6	5
9	UFPE	PE	12	21	5
10	UFSC	SC	13	27	5

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Uerj	RJ
	UFPE	PE
	UFRJ	RJ
	UnB	DF
	Unicamp	SP

ODONTOLOGIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFRGS	RS	4	2	2
2	Unicamp	SP	1	17	2
3	Unesp	SP	3	29	2
4	USP	SP	1	-	1
5	UFMG	MG	15	34	2
6	UnB	DF	8	16	6
7	UFSC	SC	10	22	6
8	UFRJ	RJ	5	44	6
9	UFU (Uberlândia)	MG	22	20	6
10	UFPR	PR	18	38	6

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	PUC Minas	MG
	UFMG	MG
	UFRJ	RJ
	Unicamp	SP
	Unip	SP

CENTENÁRIAS SE DESTACAM NO ENSINO

Das cinco primeiras colocadas, três universidades têm cursos com mais de 100 anos. O da UFRGS foi fundado em 1898, o da USP em 1902, e o da UFMG em 1907. Quando criados, todos eles estavam vinculados a cursos de medicina

PEDAGOGIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	USP	SP	1	-	1
2	UFMG	MG	5	161	3
3	UFRGS	RS	8	353	3
4	Unicamp	SP	7	-	2
5	Uenf (Norte Fluminense)	RJ	1	31	5
6	PUC-Rio	RJ	21	1	5
7	Unesp	SP	6	188	5
8	PUCRS	RS	62	66	5
9	PUC-SP	SP	22	318	5
10	UFU (Uberlândia)	MG	47	462	5

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Unesp	SP
	Unicamp	SP

PSICOLOGIA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFRGS	RS	6	15	2
2	UFRJ	RJ	4	57	2
3	USP	SP	1	-	1
4	PUC-SP	SP	40	177	2
5	UFMG	MG	8	10	5
6	UnB	DF	10	11	5
7	UFU (Uberlândia)	MG	14	33	5
8	UFSC	SC	9	63	5
9	PUCRS	RS	33	24	5
10	Unaerp (Rib. Preto)	SP	48	94	5

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Mackenzie	SP
	PUC Minas	MG
	PUC-SP	SP
	Unip	SP

FEDERAL DE UBERLÂNDIA TEM ENADE BAIXO

Entre as 30 carreiras, a universidade é a que teve a pior posição no Enade (462ª) entre as top 10

PÚBLICAS DE SP TÊM DESEMPENHO MAIS FRACO

Psicologia é o único curso da área de saúde em que apenas uma universidade pública paulista (a USP, em terceiro lugar) aparece entre as dez melhores. A Unifesp ficou na 11ª colocação e a Unesp, na 51ª. A Unicamp não oferece a graduação

QUÍMICA

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	USP	SP	5	-	1
2	UFRJ	RJ	10	64	2
3	Unicamp	SP	7	162	2
4	UFMG	MG	8	3	4
5	Unesp	SP	6	23	4
6	UFRGS	RS	14	21	4
7	UFSCar	SP	21	44	4
8	UFSC	SC	12	4	8
9	UFMS (Santa Maria)	RS	24	45	8
10	UFC	CE	25	42	8

RANKING DE MERCADO

1	USP	SP
2	Unesp	SP
	Unicamp	SP
4	Uerj	RJ
	UFC	CE
	UFF (Fed. Flum.)	RJ
	UFPE	PE
	UFRJ	RJ

SERVIÇO SOCIAL

RANKING DE ENSINO

Posições nos rankings

	UF	Doutores	Enade	MEC	
1	UFRJ	RJ	4	185	1
2	PUC-SP	SP	24	193	1
3	UFPE	PE	7	3	3
4	PUCRS	RS	11	24	3
5	UEPG (Ponta Grossa)	PR	50	23	3
6	Unifesp	SP	2	-	3
7	Unesp	SP	3	-	3
8	UFRGS	RS	6	-	3
9	UnB	DF	10	191	3
10	UFSC	SC	15	192	3

RANKING DE MERCADO

1	Estácio	RJ
	PUCRS	RS
	PUC-SP	SP
	UFPE	PE
	UFRGS	RS
	UFRJ	RJ
	Unicap	PE
	Unip	SP
	Unopar (Norte do PR)	PR

Há muito em jogo no ensino superior. Governos e público esperam, com razão, que as universidades elevem o nível nacional de capacitação, fomentando a modernização continuada e o avanço da prosperidade.

Pesquisas produzidas em universidades enfrentam grandes problemas humanos, como saúde pública, projeto urbano, segurança de alimentos e água e mudança do clima. Ao mesmo tempo, a pesquisa tem papel cada vez mais central nas economias propelidas pelas inovações em produtos e marketing — e a ciência e o estudo se tornaram grandes instrumentos de desenvolvimento regional e de melhoria da vida urbana.

O surgimento de ensino e pesquisa de classe mundial é um dos traços principais nas duas grandes zonas de desenvolvimento acelerado do século 21, a América Latina e o leste da Ásia. A crescente força das universidades do Brasil é tanto sintoma quanto causa da crescente força do Brasil no cenário mundial.

A USP é uma instituição de primeira linha em termos de ciência e desempenho acadêmico. Outras universidades brasileiras também estão começando a ganhar importância internacional. As escolas de primeira linha são poderosas concentrações de talento, criatividade, percepção, ideias e desenvolvimento de produtos.

É crucial que o Brasil desenvolva mais instituições como essas. Os países sem universidades de classe mundial se verão cada vez mais sujeitos a agendas determinadas fora de suas fronteiras. A fraqueza na educação e na ciência significa neocolonização e dependência.

Mais e mais famílias desejam saber quais as melhores universidades para seus filhos. Público, governo e empresas querem saber quais devem ser foco de investimento e como as instituições brasileiras se comparam às universidades de outros países, e umas às outras.

Tudo isso torna essencial o de-

É ESSENCIAL DESENVOLVER INFORMAÇÕES MELHORES DA UNIVERSIDADE

● POR SIMON MARGINSON

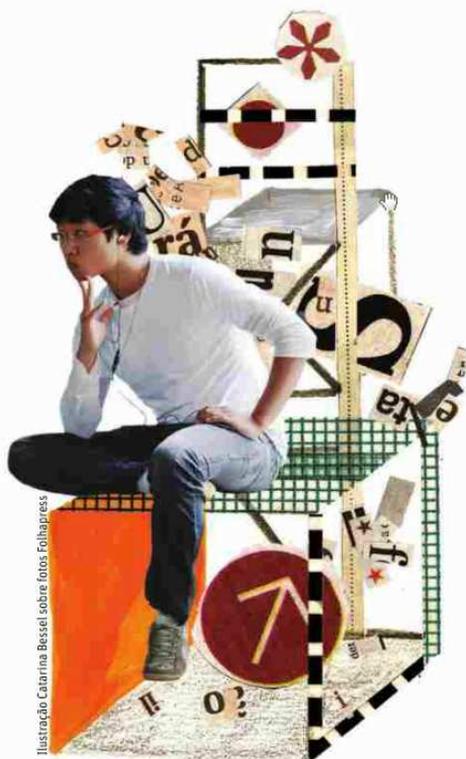


Ilustração: Catarina Bessel sobre fotos: Folhapress

envolvimento de informações melhores sobre as universidades. Trata-se de instituições complexas, com muitos papéis e muitas formas de produção. Uma maneira de enquadrar as informações é classificá-las em comparação direta, com critérios determinados pelos diferentes elementos da atividade universitária: ensino e aprendizado, pesquisa, inclusão social, conexões internacionais e assim por diante.

Com seu ranking de universidades brasileiras, a **Folha** fez exatamente isso. O ranking resume um problema complexo em termos claros e simples.

Mas esse processo também tem seus limites e pontos fracos, e é importante tê-los em mente.

Muitas vezes, os rankings combinam dados objetivos — fatos observáveis, tais como o número de alunos e de estudos publicados ou as verbas investidas — a fatores subjetivos, baseados em pesquisas. Pesquisas de opinião, quer entre leigos, quer entre especialistas, sempre se baseiam em informações parciais, distorcidas e imprecisas. Não podemos depender delas para oferecer comparações precisas entre instituições. Dados sólidos e observáveis são muito mais úteis.

ENSINAR E APRENDER

Os rankings medem algumas formas de produção universitária de maneira mais completa e precisa que outras. Os indicadores de pesquisa em termos de número de estudos publicados, e do

impacto desses estudos com base no número médio de citações acadêmicas, são relevantes e têm base sólida. Mas esses indicadores não nos dizem tudo sobre a relevância social e econômica e o impacto das pesquisas.

Ensinar e aprender são muito mais difíceis de quantificar. Faltam-nos ferramentas para comparar precisamente a qualidade do ensino de diferentes disciplinas universitárias, quanto mais para comparar uma universidade à outra, ou países inteiros. Podemos medir os recursos materiais investidos, mas não a qualidade das aulas e seus efeitos a longo prazo sobre o avanço na capacitação dos estudantes.

Indicadores de internacionalização e de contribuições das universidades à inovação capturam apenas pequena porção das ricas atividades que essas rubricas abarcam. Isso não significa que sejam inválidos, mas que os rankings devem ser tratados como uma dentre diversas fontes possíveis de informação.

Surgem outros problemas quando esses diferentes elementos são combinados em um índice e tabela de classificação únicos. Para combinar os diferentes elementos, é preciso desenvolver um sistema de ponderação. Ponderar é um processo estimativo, e o ranking combinado resultante tem pouco valor objetivo. Essa é uma área na qual o processo de ranking envolve simplificação excessiva. É melhor classificar universidades em termos de indicadores únicos do que de indicadores combinados.

A despeito desses problemas, as comparações e rankings universitários são um setor em crescimento. O debate sobre a precisão e validade dos indicadores fomenta uma cultura de melhoria na mensuração. No futuro, devemos ter novas formas de rankings universitários, bem como melhora continuada na qualidade das comparações.



ENSINAR E APRENDER
SÃO MAIS DIFÍCEIS
DE QUANTIFICAR.
FALTAM FERRAMENTAS
PARA COMPARAR
A QUALIDADE DO
ENSINO DE DIFERENTES
DISCIPLINAS

SIMON MARGINSON é professor de educação superior no Centro de Estudos do Ensino Superior da Universidade de Melbourne. Tradução de PAULO MIGLIACCI